

A ameaça dos exércitos privatizados

Nova Iorque - Se você é daqueles convencidos de que o neoliberalismo já foi longe demais com as privatizações, prepare-se para a novidade - vêm aí os exércitos privatizados. Isso pelo menos é o que uma respeitável revista de Washington - a "Foreign Policy" - está saudando num artigo de capa como fórmula conveniente para cortar gastos e enxugar orçamentos de governos.

A revista é publicada pelo National Endowment for International Peace e o autor do artigo é David Shearer, pesquisador do badalado International Institute for Strategic Studies (IISS), sediado em Londres, e ex-conselheiro das Nações Unidas na África. "Companhias militares privadas", diz o artigo, já oferecem serviços na África do Sul, Reino Unido, EUA, França e Israel. Exércitos e companhias mercenárias assim sempre existiram (proliferavam no período agudo da descolonização na África), mas agora correm o risco de ganharem capa de respeitabilidade graças à onda neoliberal que varre o mundo e aos cortes de gastos impostos nos programas de austeridade de organismos financeiros como o FMI (Fundo Monetário Internacional).

Ao manifestar perplexidade com a idéia e com a maneira leviana como foi tratada pela "Foreign Policy", o jornalista Andrés Oppenheimer, do "Miami Herald", observou ontem que na América Latina exércitos privados desse tipo têm sido especialmente ativos na Colômbia - e que essas organizações paramilitares acabam a serviço de senhores de terra e do narcotráfico.

Outra faceta delas, assinalou ainda, são as numerosas firmas de segurança privada que empregam centenas de milhares de guardas armados, às vezes até com fichas criminais. Só na cidade do México, segundo um estudo, existem hoje 2.700 dessas firmas. Algumas tornam-se grupos criminosos e passam a vender proteção e a ameaçar os que dispensam seus serviços.

"São verdadeiros bando privados de criminosos com licença para matar", escreveu o "Herald". Mas no artigo da "Foreign Policy", sob o título "Outsourcing War", Shearer considerou saudável privatizar exércitos nacionais ou partes deles, usando "companhias militares privadas" de aluguel - como as que já existem hoje, os chamados "mercenários".

Em geral elas vendem principalmente avaliações e estimativas militares, mas pelo menos duas - a Executive Outcomes, da África do Sul, e a Sandline International, da Grã-Bretanha - oferecem ainda envolvimento maior em situações de combate. Para Shearer, não se deve proibir essas companhias e sim aceitá-las e procurar "regulamentar" suas atividades.

No artigo da "Foreign Policy", Shearer tem o singular cuidado de evitar o rótulo de "mercenários" para tais grupos. Até condena os que o fazem - o que pareceria muito lógico antes do surgimento do neoliberalismo. Ao invés disso, prefere sugerir que sejam "reconhecidos como organizadores multinacionais ansiosos para solidificar sua legitimidade."

ARGEMIRO FERREIRA

Correspondente